

Exame Final Nacional de Português
Prova 639 | 2.ª Fase | Ensino Secundário | 2018

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Entrelinha 1,5 sem figuras

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

10 Páginas

VERSÃO 1

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia o poema.

Prefiro rosas, meu amor, à pátria,
E antes magnólias amo
Que a glória e a virtude.

Logo que a vida me não canse, deixo
Que a vida por mim passe
Logo que eu fique o mesmo.

Que importa àquele a quem já nada importa
Que um perca e outro vença,
Se a aurora raia sempre,

Se cada ano com a primavera
Aparecem as folhas
E com o outono cessam?

E o resto, as outras coisas que os humanos
Acrescentam à vida,
Que me aumentam na alma?

Nada, salvo o desejo de indif'rença
E a confiança mole
Na hora fugitiva.

Ricardo Reis, *Poesia*.

1. Compare a atitude do sujeito poético com a dos outros «humanos» (quinta estrofe), tendo em conta a oposição simbólica entre «rosas» e «magnólias», por um lado, e «pátria», «glória» e «virtude», por outro lado (primeira estrofe).
2. Interprete o sentido da segunda estrofe, à luz da filosofia de vida de Ricardo Reis.
3. Explícite, com base no conteúdo das estrofes 3 a 6, dois aspetos que evidenciem o modo como o sujeito poético percebe a passagem do tempo.

PARTE B

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas apresentadas a seguir ao texto.

Outra coisa muito geral, que não tanto me desedifica (1), quanto me lastima em muitos de vós, é aquela tão notável ignorância e cegueira que em todas as viagens experimentam os que navegam para estas partes. Toma um homem do mar um anzol, ata-lhe um pedaço de pano cortado e aberto em duas ou três pontas, lança-o por um cabo delgado até tocar na água, e em o vendo o peixe, arremete cego a ele e fica preso e boqueando, até que, assim suspenso no ar, ou lançado no convés, acaba de morrer. Pode haver maior ignorância e mais rematada cegueira que esta? Enganados por um retalho de pano, perder a vida? Dir-me-eis que o mesmo fazem os homens. Não vo-lo nego. Dá um exército batalha contra outro exército, metem-se os homens pelas pontas dos piques (2), dos chuços (3) e das espadas, e porquê? Porque houve quem os engodou (4) e lhes fez isca com dois retalhos de pano. A vaidade entre os vícios é o pescador mais astuto e que mais facilmente engana os homens. E que faz a vaidade? Põe por isca nas pontas desses piques, desses chuços e dessas espadas dois retalhos de pano, ou branco, que se chama Hábito (5) de Malta (6), ou verde, que se chama de Avis (6), ou vermelho, que chama de Cristo (6) e de Santiago (6), e os homens por chegarem a passar esse retalho de pano ao peito, não reparam em tragar e engolir o ferro. E depois disso que sucede? O mesmo que a vós. O que engoliu o ferro, ou ali, ou noutra ocasião ficou morto; e os mesmos retalhos de pano tornaram outra vez ao anzol para pescar outros.

Padre António Vieira, *Sermão de Santo António (aos peixes)* e *Sermão da Sexagésima*.

NOTAS

- (1) desedifica – escandaliza; desmoraliza; desagrada.
- (2) piques – lanças terminadas em ponta aguçada.
- (3) chuços – paus armados com uma ponta de ferro.
- (4) engodou – enganou.
- (5) Hábito – traje usado por membros de ordens religiosas.
- (6) Malta, Avis, Cristo, Santiago – ordens religiosas e militares.

4. «Toma um homem do mar um anzol, ata-lhe um pedaço de pano cortado e aberto em duas ou três pontas, lança-o por um cabo delgado até tocar na água, e em o vendo o peixe, arremete cego a ele e fica preso e boqueando, até que, assim suspenso no ar, ou lançado no convés, acaba de morrer.»

Relacione o comportamento dos peixes, descrito neste excerto, com as interrogações retóricas presentes em «Pode haver maior ignorância e mais rematada cegueira que esta? Enganados por um retalho de pano, perder a vida?».

5. Explique a crítica que é feita aos homens, incluindo os membros do clero, a partir de «Dir-me-eis que o mesmo fazem os homens».

6. Transcreva:

a) a metáfora que exprime a ideia de falta de lucidez no excerto «Toma um homem do mar um anzol, ata-lhe um pedaço de pano cortado e aberto em duas ou três pontas, lança-o por um cabo delgado até tocar na água, e em o vendo o peixe, arremete cego a ele e fica preso e boqueando, até que, assim suspenso no ar, ou lançado no convés, acaba de morrer»;

b) uma estrutura anafórica que imprime ritmo ao discurso no excerto «Põe por isca nas pontas desses piques, desses chuços e dessas espadas dois retalhos de pano, ou branco, que se chama Hábito de Malta, ou verde, que se chama de Avis, ou vermelho, que chama de Cristo e de Santiago, e os homens por chegarem a passar esse retalho de pano ao peito, não reparam em tragar e engolir o ferro».

PARTE C

7. Cesário Verde adota um olhar subjetivo e crítico sobre a cidade.

Escreva uma breve exposição sobre a representação da cidade na poesia de Cesário Verde.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual refira uma característica da cidade enquanto espaço físico e uma característica da cidade enquanto espaço humano, fundamentando as ideias apresentadas em, pelo menos, um exemplo significativo de cada uma das características;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

GRUPO II

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas apresentadas a seguir ao texto.

No passado, os homens tinham certezas religiosas e morais. Toda a vida individual e social estava organizada em redor dessas crenças sagradas. Os seus símbolos de pedra, os monumentos religiosos, sobreviveram aos milénios, tal como as estátuas dos deuses e os livros de inspiração divina. A grande mudança teve lugar com a Revolução Industrial. Então, a pouco e pouco, a banca, a bolsa (1), o arranha-céus de escritórios substituíram a catedral. Paralelamente à crise do sacro (2), difunde-se a recusa do conceito de pecado e, eventualmente, do conceito de culpa. Já não existem tábuas da lei absolutas e imutáveis, e muitos pensam, depois de Nietzsche, que os conceitos de bem e de mal se estão a desvanecer, tal como a ideia de demónio e de tentação.

Muitos pensadores laicos (3) constatarem que o pensamento progressista triunfa hoje, mas como que despojado de valores. Ensina a não ser fanático, a ser tolerante, racional, mas, ao fazê-lo, aceita um pouco de tudo, o consumismo, a superficialidade da moda, o vazio da televisão. Não consegue, sobretudo, fazer despontar nos indivíduos uma chama que vá além do mero bem-estar, um ideal que supere o horizonte de uma melhor distribuição dos rendimentos. Não cria metas, não suscita crença. Não sabe fornecer critérios do bem e do mal, do justo e do injusto. Desta forma, tudo se reduz à opinião e à conveniência pessoais. Isto é o que os filósofos, os sociólogos e os observadores críticos continuam a dizer do nosso mundo. E não restam dúvidas de que, em boa medida, as suas observações têm fundamento. Mas, em nosso entender, não tomam em consideração os valores positivos do mundo moderno, a sua moralidade específica.

Partamos da observação de alguns factos. A nossa sociedade tem muitos valores reconhecidos, partilhados, não discutidos. Considera negativamente a violência em todas as suas formas. A nossa sociedade eliminou as formas mais brutais de abuso. Eliminou o duelo, as vinganças privadas. Hoje, a pouco e pouco, está a eliminar os focos de guerra. Combateu a doença e as dores físicas e mentais. Defendeu as crianças, os velhos, os doentes, protegendo-os com uma rede de direitos. Combate os preconceitos raciais, as discriminações étnicas. É certo que estas coisas ainda existem, mas são condenadas e combatidas como nunca o foram no passado. Também não é verdade que não sintamos o dever. Sentimos como drama e dever a pobreza do Terceiro Mundo. Sabemos que é nosso dever acabar com a miséria, com a fome, com os desgastes provocados pelas doenças. Sabemos que é nosso dever dirigir o progresso técnico para um equilíbrio ecológico que garanta a vida às gerações futuras. Não nos sentimos, de facto, para além do bem e do mal. Talvez sejamos hipócritas, mas damo-nos conta de que os desastres sociais e naturais são o produto do nosso egoísmo individual e coletivo.

Francesco Alberoni e Salvatore Veca, *O Altruísmo e a Moral* (adaptado).

NOTAS

- (1) bolsa – bolsa de valores; instituição onde são realizados negócios relativos à compra e venda de títulos de crédito, ações, fundos públicos, etc.
- (2) sacro – sagrado.
- (3) laicos – que não são dependentes de qualquer confissão religiosa.

1. No primeiro parágrafo do texto, os autores evidenciam a ideia de que, nas sociedades atuais,
 - a) as crenças religiosas continuam a organizar toda a vida humana.
 - b) os homens são dominados pelas ideias de culpa e de pecado.
 - c) os valores materiais se sobrepuseram aos valores espirituais.
 - d) os seres humanos perderam a noção do bem e do mal.

2. Na opinião de muitos pensadores, o «pensamento progressista» referido no início do segundo parágrafo, entre outros aspetos,
 - a) falha por não discriminar entre o certo e o errado.
 - b) incute ideias que ultrapassam a noção de bem-estar.
 - c) insurge-se contra a criação de metas e de crenças.
 - d) adquire relevo ao não dissociar fanatismo de intolerância.

3. No terceiro parágrafo do texto, os autores recorrem a um conjunto de exemplos para mostrar que
 - a) os valores de natureza ético-moral desapareceram da sociedade atual.
 - b) a sociedade atual conseguiu eliminar os graves problemas do passado.
 - c) a sociedade atual se rege por valores que dignificam a pessoa humana.
 - d) os homens da sociedade atual têm plena consciência da sua hipocrisia.

4. No excerto «Considera negativamente a violência em todas as suas formas. A nossa sociedade eliminou as formas mais brutais de abuso», as formas verbais têm, respetivamente, um valor aspetual
 - a) genérico e iterativo.
 - b) perfetivo e iterativo.
 - c) imperfetivo e genérico.
 - d) genérico e perfetivo.

5. As frases «E não restam dúvidas de que, em boa medida, as suas observações têm fundamento.» e «Talvez sejamos hipócritas» exprimem a modalidade epistémica
- a) com valor de probabilidade, no primeiro caso, e com valor de certeza, no segundo caso.
 - b) com valor de probabilidade, em ambos os casos.
 - c) com valor de certeza, em ambos os casos.
 - d) com valor de certeza, no primeiro caso, e com valor de probabilidade, no segundo caso.
6. Identifique as funções sintáticas desempenhadas pelas expressões:
- a) «dos rendimentos» em «uma melhor distribuição dos rendimentos»;
 - b) «que estas coisas ainda existem» em «É certo que estas coisas ainda existem».
7. Indique o processo de coesão textual assegurado pelas expressões «No passado», «a pouco e pouco», «Já», «Hoje, a pouco e pouco» e «ainda», ao longo do texto.

GRUPO III

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre o impacto do progresso técnico na qualidade de vida do ser humano, no futuro.

No seu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2018/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

GRUPO I

Parte A	48 pontos
1.	16 pontos
2.	16 pontos
3.	16 pontos
Parte B	40 pontos
4.	16 pontos
5.	16 pontos
6.	8 pontos
Parte C	16 pontos
7.	16 pontos
	<hr/>
	104 pontos

GRUPO II

1.	8 pontos
2.	8 pontos
3.	8 pontos
4.	8 pontos
5.	8 pontos
6.	8 pontos
7.	8 pontos
	<hr/>
	56 pontos

GRUPO III

Item único	40 pontos
	<hr/>
	40 pontos
	<hr/>
TOTAL	200 pontos